

INFORME MENSAL

A.H.J.B

Ano 3 - Dezembro de 2011 N° 26
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
EDITOR: Samuel Belk

NESTE NÚMERO

- 1-O Distrito de residência
- 2-Marrano
- 3-Músicas da Judiaria
- 4- Itshak Perelman no “Mundo Musical Judaico”
- 5- Um Filho Médico
- 6 A Comunidade Judaica de Praga
- 7-Festival de Música Judaica e Exposição
- 8-Memória e Experiência dos Judeus de Higiépolis
- 9-Informe da Biblioteca

O Distrito de Residência

No ano de 1795 o Reino da grande Polônia, que abrangia parte do Reino da Polônia e o grão Ducado da Lituânia, sofreu uma partilha entre a Áustria, Prússia e Rússia. e com isso a Polónia perdeu totalmente sua independência.

No ano de 1815, depois do Congresso de Viena, uma conferência entre os Embaixadores das grandes potencias europeias, que aconteceu na capital Austríaca, depois da derrota de Napoleão Bonaparte, a Rússia assumiu totalmente o Grande Reino da Polónia. A partir de então, a totalidade dos judeus poloneses e lituanos passou para o domínio russo e sua história tornou-se similar à dos judeus russos. A comunidade foi submetida então às regras opressivas dos sucessivos governos czaristas da Dinastia dos Romanov.

Depois de alguns séculos de autonomia religiosa os judeus polono-lituanos foram incorporados ao estado teocrático russo, que não admitia divergência em relação à fé oficial, tendo-os submetido a um esquema rígido e leis impeditivas e punitivas. Assim, uma população de mais de cinco milhões de pessoas, ficou confinado nos locais onde moravam, na Europa Oriental totalmente dominada pelos russos no assim chamado “Distrito de Residência”, e somente abolido pela revolução de 1917, depois de mais de 100 anos.

Entre 1871 e 1907 ocorreram violentos pogroms contra a população judaica no Distrito de Residência, com massacres, mortes, ferimentos, violação de

mulheres, saques, destruição de residências e casas comerciais. Em consequência desta situação os judeus começaram a ter participação na política, no desenvolvimento do sionismo bem com iniciaram uma grande emigração da Rússia.

Marrano

Marrano é a designação tradicional dada aos judeus forçados a converterem-se ao catolicismo na península Ibérica, sob pena de morte e confisco de bens, nos séculos XV e XVI. Durante muito tempo a expressão foi considerada depreciativa por se julgar que derivava de “porco” em castelhano. Na verdade, ela é obtida pela contração das palavras hebraicas *márre* (*amargo* /amargurado) e *anúze* (forçado / violado) – refere-se também aos seus descendentes, muitos dos quais optam agora pelo processo de conversão para “regressar” à sua tradição ancestral.

Em hebraico, os marranos são conhecidos simplesmente como “*anussim*” (). Para diferenciar a palavra da sua homófona depreciativa, e evitar assim qualquer tipo de comparações, Arthur Carlos de Barros Basto insistia que ela deveria ser escrita com apenas um “r”.

Esta proposição foi feita por Barros Basto, capitão do exercito português, convertido ao judaísmo, banido do exercito, em 1937, por praticar atos próprios de sua religião. O verdadeiro “crime” do capitão foi o trabalho de resgate dos marranos. Ele continua porem com a memória manchada, talvez porque nunca houve em Portugal um Émile Zola que acusasse publicamente os seus inquisidores.

Sabe-se que a neta do capitão, dirigiu à Assembleia da República Portuguesa, faz alguns anos, um pedido de integração do avô a título póstumo, com o apoio de entidades internacionais. Até o momento não temos notícia do resultado deste pedido.

Músicas da Judiaria

As canções das *Músicas da Judiaria*, do site “[rua da judiaria.com](http://rua.judiaria.com), de Portugal, apresentou Suzy, a cantora israelita nascida na Turquia, que mantém vivas as tradições melódicas dos judeus ibéricos expulsos de Portugal e Espanha nos finais do século XV. Sua canção é “Mar de Leche”, é uma cantiga tradicional em ladino, cantada há mais de 500 anos por judeus da diáspora sefardita. Eis a canção:

Si la mar era de leche
Yo me aria un pescador
Pescaria mis dolores
Con palavricas d'amor
Dame la mano, palomba
Por a suvir al tu nido
Maldicha que durmes sola
Vengo a durmir contiyo

Itzhak Perelman no “Mundo Musical Judaico”

Durante alguns anos o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro apresentou para grupos da Terceira idade vários programas da série "O Mundo Musical Judaico".

Num destes programas foram apresentados, cenas do vídeo, Itzhak Perelman in The Fiddler's House, mostrando o renomado violinista, em sua visita a Cracóvia e participação no 5º Festival de Música Judaica realizado nesta cidade em 1995, acompanhado dos Conjuntos Klesmer mais famosos dos Estados Unidos: Brave Old World, The Klesmatics, The Andy Statman Klesmer e The Klesmer Conservatory Band.

Alicia Svingals, professora de música do Conjunto Klesmatics e Itzhak Perelman dão numa das cenas, um show com seus violinos. Vemos também Itzhak Perelman passeando com seu pai, pelas ruas da cidade de Cracóvia, que já foi o maior centro cultural judaico da Europa, berço do grande poeta popular Mordco Gebirtig, com ruas vazias, casas sem judeus e sem a música judaica.

Foi também exibido o trabalho há muito tempo realizado pelos cearenses Virgílio Maia e César Barreto. Inspirado por alguns versos da cantiga infantil que o escritor sefaradita Elias Canetti, nascido na Bulgária e Prêmio Nobel de Literatura de 1981, cita em sua autobiografia: "A língua Absolvida", eles passaram a se interessar pelas canções e romanças sefaraditas.

“Homenagem à Sefarad” é o resultado deste amor deles pela cultura sefaradita, nome do CD que eles lançaram, com canções traduzidas do ladino para o português, por Virgílio Maia e interpretadas por César Barreto. A primeira faixa do CD, “Homenagem a Sefarad” é de autoria do próprio Virgílio Maia.

O referido CD bem como o DVD, The Fiddler's House, fazem parte da discoteca do Arquivo.

Um Filho Médico

Hersh Shishler *

Neste pequeno monólogo o autor explora as possibilidades humorísticas do sonho estereotipado do pai judeu, para que o filho se torne um médico.

Você sabe, me confidenciou um amigo, eu dei toda minha vida para que meu filho fosse médico. Uma insignificância, o filho do senhor Jaime um médico? Um médico próprio, em casa!

Eu esperava ansioso o momento em que meu filho fosse me trazer seu diploma. Pensei, um médico próprio, ainda mais um filho, cuidará de nossas preocupações e de nossas doenças.

Assim que meu filho se formou médico e trouxe em casa o seu diploma começou a se preocupar com a minha saúde e a de minha mulher, sua mãe.

Ele nos olhou no rosto, nos olhos, na garganta e não parava de nos mirar. Deu-nos ordens o que comer, como dormir e de um modo geral como se comportar para cuidar de nossa saúde.

Comecei a me sentir como uma criança pequena e descuidada. Meu filho, o médico, se manteve firme nas suas recomendações. Quando eu quis comer peixe recheado no sábado ele me segurou e disse: Isto é um veneno, você não deve comer nem um pedaço de peixe recheado (gefilte fish).

O mesmo aconteceu quando peguei um pedaço de tripa recheada (kishke), ele pegou no meu braço como se pegasse um ladrão, pegou o “kishke” e me advertiu: Pai, você não pode comer isto e acrescentou você quer se enterrar vivo? Meu filho, o médico, me cuidava em todos os passos, especialmente na mesa para que eu não comesse muito e sempre me recomendava: se você comer menos você vai viver mais.

Ele também deu instruções para minha mulher, sua mãe, para cozinhar menos. Proibiu as comidas gordurosas e recomendou: nada de doces, biscoitos, tortas, bolos, entradas e sobremesas, sopas, massas, arroz, batata, açúcar e pão. É difícil contar a quantidade de pratos que meu filho, o médico, proibiu praticamente tudo, além do mais proibiu também ir à festas.

Ainda que isso fosse pouco, meu filho o médico me examinava todos os dias. Aperta aqui, procura ali. Ele não se conformava com minha gordura. Preciso

emagrecer, perder 20 a 25 quilos, caso contrário estarei em perigo.

Ele me arrasta até a balança como se eu fosse um animal. Vê o fundo dos meus olhos, a garganta, ausculta o coração, bate nas costas e me puxa os ombros. Nada lhe agrada. Somente me falta transformar em outra pessoa. Dar-lhe um novo pai.

Além do mais ele descobriu que eu tenho diabetes. Eu lhe questiono: que te interessa meu filho, se estou com excesso de açúcar? Você queria que eu tivesse excesso de sal.?

Em poucas palavras, minha vida ficou transtornada. Eu não sou mais aquele que eu era. Desde que meu filho se tornou médico ele passou a mandar em mim. Ninguém mais pode sentir inveja de mim.

Certa vez ele me pôs na cama e me mandou ficar quieto. Isso me deixou muito furioso e eu lhe disse: você ficou doido, porque me colocou na cama em plena quarta feira, um dia comum da semana? Imaginem o que meu filho, o médico, me respondeu? Pai, se você não ficar na cama você vai morrer!

A situação não está boa. Se o doutor não fosse meu filho eu o agarraria pelo colarinho e o colocaria fora de casa. Porem é meu filho. O que posso fazer agora? Unicamente sofrer e calar.

- Hersh Shishler: Escritor judeu sul africano
-

A Comunidade Judaica de Praga: Breve Relato

Léa Vinocur Freitag

Na comunidade judaica de Praga, uma das mais antigas da Europa, o bairro judeu, anterior ao século XII, conta com mais de seis sinagogas, como Velha-Nova, Pinkas, Alta, Maisel, Klausen, Espanhola e Jubilar.

Tivemos oportunidade de visitar todos esses templos, percorrendo o trajeto a partir da Praça Venceslau, onde se iniciam as vias elegantes, como a Rua Paris e a Rua dos Judeus, com velhos prédios preservados. Há belíssimas fachadas em estilo gótico, neo barroco, neorenascentista e *art nouveau*, que hoje abrigam lojas de grifes. Essa região tão contemporânea e luxuosa desemboca no velho gueto, com sinagogas de antiga memória. Praga era caminho

das rotas de comércio entre oriente e ocidente e atraiu judeus de várias regiões, de Bizâncio a Baviera.

Entre as instituições tradicionais de alto valor cultural destaca-se uma importante escola talmúdica.

Cada sinagoga revela um estilo e uma beleza peculiares. A Sinagoga Velha-Nova, do século XIII, é um exemplo de construção medieval e seu portal de entrada é decorado com um baixo-relevo, representando folhas de vinhas e cachos de uvas.



A Sinagoga Velha-Nova e à direita, a Prefeitura de Praga

A Sinagoga Pinkas, onde foi descoberto o local de antigos banhos rituais, tem o estilo gótico tardio. A visita traz uma emoção forte, pois os judeus de Praga também foram dizimados pelo Holocausto e guardam essa memória. Na Sinagoga Pinkas estão registrados os nomes de 77.297 pessoas assassinadas pelos nazistas, assim como o campo de concentração em que morreram. Por todo o ambiente ouve-se a gravação da voz lamentosa de um *chazan*, lembrando esses nomes, e na parte superior estão expostos desenhos de crianças sacrificadas pelo Holocausto. Aliás, é muito próximo a Praga o campo de concentração de Terezin, que também guarda a lembrança terrível de vítimas infantis.

À rua Dusni está a Sinagoga Espanhola de 1868, que tem esse nome por causa do estilo mourisco, semelhante à Alhambra de Granada. Deve-se essa obra imponente aos arquitetos Ullmann, Niklas,

Münzberger e Baum. A decoração é rica e suntuosa, cheia de relevos dourados, vitrais policromados e motivos islâmicos. Tem uma acústica privilegiada para concertos, o que constatamos na apresentação do jovem violinista russo Alexandre Shonert, interpretando melodias místicas hebraicas.

O local histórico mais visitado de Praga é o velho cemitério judaico, com suas lápides góticas, renascentistas, barrocas e rococós. Existe desde o século XV, embora alguns historiadores o considerem muito mais antigo. Atualmente há 12.000 lápides visíveis, mas deve haver túmulos sobrepostos, através dos tempos. A relva, em tons múltiplos de verde, emoldura a paisagem fúnebre, colorindo com um pouco de vida esse ambiente de morte. Kafka, o grande escritor, está enterrado no Novo Cemitério e seu túmulo é muito visitado.

No velho cemitério a grande peregrinação é ao túmulo do Rabino Löw, erudito e caridoso, que viveu na segunda metade do século XVI, no reinado do Imperador Rodolfo II. Quando estávamos visitando o cemitério, vimos um jovem judeu ortodoxo deixar o violino no solo e abraçar com toda a devoção o túmulo do Rabino Löw. Ele ficou por um longo tempo rezando nesse local.

Diz a lenda que o poderoso Rabino Löw criou seu servidor Golem de argila e lhe deu vida, introduzindo na sua boca o *shem*, pequena tira de pergaminho com uma inscrição mágica em hebraico, que continha o nome de Javé, o D'us dos judeus. O Golem seria uma espécie de robô, que fazia trabalhos simples para o rabino. Depois de alguns acontecimentos, o Golem perdeu sua força e voltou a ser um boneco de barro.

Exposição e Festival de Música Judaica

O AHJB deverá participar de um festival de música judaica e de uma exposição a ser realizada em 2012 pelo Centro da Cultura Judaica. Neste evento uma parte do acervo de discos do AHJB estará exposto nesta exposição.. Para isso o CCJ patrocinou a limpeza, catalogação e digitalização deste acervo. As atividades desta parceria tiveram início no dia 06/09/2011 e já foram realizadas a triagem dos discos de 33 rpm e 78 rpm, higienização das capas e acondicionamento dos discos sem capa, em capas novas exclusivas, foi dado um número tombo para todo o acervo bem como foram relacionadas as

canções e os interpretes . O estágio atual consiste na inserção do acervo no banco de dados.

Memória e Experiência dos Judeus de Higienópolis

No dia 17/11 a coordenadora de atendimento e pesquisa do AHJB, Lucia Chermont, defendeu sua dissertação de mestrado em história social, com o trabalho “Memória e Experiência dos Judeus de Higienópolis e Arredores, São Paulo (1960-1970)” na PUC de São Paulo. A banca foi composta pela orientadora profª Maria do Rosário da Cunha Peixoto, o prof. Luiz Antônio Dias e pelo historiador e diretor de acervo do AHJB, Roney Cytrynowicz, tendo sido aprovada com nota máxima. Estiveram presentes, além do diretor de acervo do AHJB, que compôs a banca, os diretores Anna Rosa Bigazzi, Lea Vinocur e Paulo Valadares, de Maria Theodora Barbosa, Arnaldo Lev, Gabriela Munin, Jean Chermont da Silva e pesquisadores do AHJB, todos interessados no referido tema.

Informe da Biblioteca

*Temos em nossa biblioteca alguns títulos que abordam a temática de bairros. Chamamos aqui a atenção para os bairros paulistanos com agrupamentos de imigrantes judeus, ainda que não sejam apenas de primeira geração. Do Bom Retiro, bairro rico em correntes migratórias, temos **O Bom Retiro de Eliezer Levin, O Bairro do Bom Retiro de Hilário Dertônio, Bom Retiro: Memória urbana e Patrimônio Cultural de Simone Scifoni**; o Ensaio: **Judeus em São Paulo** de vários autores, **A Territorialização da Cultura Judaica no Bairro do Bom Retiro de Stela Kupperman Pessa, A Territorialização dos Judeus na Cidade de São Paulo de Carlos Alberto Povoia e a Reinvenção do Cotidiano no Bom Retiro (1930-2000) de Ana Claudia Pinto Corrêa.***

*Encontra-se também em nossa biblioteca, para consulta, a dissertação da historiadora Lucia Chermont, **Memória e Experiência de Judeus de Higienópolis e Arredores, São Paulo (1960-1970)** onde com 13 narrativas pessoais colhidas de moradores, ela, traça um profundo retrato do referido bairro.*

Colaboradores:

Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Hadasa Cytrynowicz, Léa Vinocur Freitag, Rebeca Belk e Lúcia Chermont.

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro
Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 / 2157-4121
E Mail: ahjb@ahjb.org.br Site: www.ahjb.org.br